

© ASILO

Renata Soltanovitch

O ASILO

Este conto foi originalmente escrito em 2019 e, agora em 2026, decidi disponibilizá-lo novamente em meu site apenas como forma de entretenimento. Ao mesmo tempo, ofereço os direitos autorais desta obra à **Casa Transitória Fabiano de Cristo** (CNPJ 61.669.966/0002-91), localizada na Avenida Condessa Elizabeth de Robiano, 454, Belenzinho, CEP 03074-000, São Paulo. Para conhecer melhor o trabalho da instituição, visite o site casatransitoriasp.org.br (casatransitoriasp.org.br [in Bing](#)) ou entre em contato pelo e-mail social@casatransitoriasp.org.br.

Se a leitura lhe trazer bons momentos, convido você a acessar o site da Casa Transitória e verificar de que forma pode contribuir, seja por meio de uma doação ou de qualquer outra forma de apoio que considere significativa.

Boa leitura!

O ASILO

Para quem entra pela primeira vez, dá a impressão de fim de vida.

O cheiro da morte no ar. Falta de condição humana. Não no sentido de cuidados, pois a muitos, e principalmente aos particulares, dão uma boa atenção e os cuidados àqueles que não mais têm utilidade na vida.

É isto que quis dizer... utilidade na vida.

Alguns por doenças físicas, mas a maioria por estar senil... nem o corpo e nem a mente respondem mais a juventude que ficou para trás.

Muitas vezes não são tão velhos assim, mas o corpo e a mente padecem e, ao contrário do que muitos pensam, na companhia de outros da mesma idade e sob o cuidado e vigilância de profissionais da área, ficam em melhor convivência do que se sentindo incomodando na casa de seus filhos.

É verdade que não podem mais ficar sozinhos e, na maioria das vezes, em um lugar como o asilo, são estimulados pelos demais, seja pelas conversas desconexas, seja sobretudo pelas visitas estranhas dos parentes alheios, uma movimentação diferente no dia a dia.

Estes idosos já viveram sua vida, agora está na hora de seus familiares viverem as suas.

Será?

O ASILO

Capítulo 01 – FAZIA FRIO

Já se passava da meia-noite quando Antonio recebeu uma ligação de seu amigo Norberto para ajudá-lo, de forma discreta, a retirar um corpo de um dos asilos mais famosos e elegantes da cidade.

Era a primeira vez que nevava na cidade após muitas décadas, e a neblina encobria os carros de tal forma, que Antonio demorou um pouco para se

trocar, tamanha a necessidade de se aquecer naquela noite, que, segundo o relógio da rua, apontava muitos graus abaixo de zero.

Norberto havia disponibilizado um motorista para buscar Antonio, uma vez que ele, desprendido de bens materiais, não tinha nada em seu nome, apenas vivia bem em um confortável apartamento alugado, fazendo uso de transporte público, até porque gostava de ver gente viva – só para deixar consignado isto!

Antonio sorriu ao motorista tão logo entrou no carro, que estava com o aquecedor ligado. Contudo, este, por sua vez, não foi tão amável, pois parecia não estar gostando de estar acordado naquele frio glacial a caminho de um asilo, para buscar uma velha morta. Nem todos têm a sorte de trabalhar no que gostam, pensou Antonio.

Insistindo em ser simpático, até para literalmente “quebrar o gelo”, Antonio perguntou ao motorista o seu nome:

– Danilo, senhor.

– Então, Danilo, você foi contratado há quanto tempo para trabalhar para o perito Norberto?

– Comecei ontem, senhor. E confesso que não gosto de trabalhar com mortos, senhor.

– Mas então por que aceitou este emprego, Danilo?

– Senhor, tenho família para sustentar e o trabalho é honesto. Preciso dar exemplo para meus filhos. Faço curso de psicanálise à distância e, enquanto não me formo e não posso clinicar, vou pagando minhas contas.

– Danilo, posso te garantir que você terá muita coisa para aprender com os mortos, pois todos têm uma história de vida, e isto poderá te ajudar na profissão que você está buscando.

Danilo olhou Antonio pelo retrovisor e, pelo semblante pensativo, entendeu o recado que lhe foi passado.

Lembrou-se de uma das aulas que teve sobre a mente humana e de que a única certeza de que o ser humano tem é da morte, embora muitos não aproveitem a vida que têm, reclamam de tudo!

No restante da viagem até o asilo se escutavam apenas a leve chuva que batia no para-brisas do carro e o uivo forte do vento.

– Chegamos – disse Danilo, quebrando o silêncio de mais de meia hora.

Antonio desceu do carro e caminhou lentamente, para não escorregar no chão molhado que levava ao interior do asilo, e não percebeu que, na janela do segundo andar do asilo, algumas senhoras olharam curiosas a sua chegada em um carro preto, tipo fúnebre.

A casa onde ficava o asilo era enorme, estilo neoclássica. Arquitetura moderna. Bem arejada, com sacadas enormes.

Para acesso aos pisos superiores, havia escadas rolantes de piso antiderrapante e corrimão. Em cada andar, uma enfermaria.

Além da piscina coberta para que as vovós pudessem fazer hidroginástica, ainda havia um pomar, para que elas cultivassem suas flores.

Bancos confortáveis em cada lugar, para que elas pudessem, com suas famílias, contemplar o belo, o dia, a vida.

Norberto pediu para Antonio discrição e que o corpo de D. Genoveva deveria ser levado para a funerária, já que o médico indicado pela família havia atestado a morte por parada cardíaca.

Capítulo 02 - O CORPO

É claro que D. Genoveva era uma senhora bem senil, mas que não passava dos oitenta anos.

Mesmo morta, percebia-se que tinha sido uma senhora de postura bem elegante.

Era magra e alta.

Sua postura demonstrava que, num passado não muito distante, cuidava de seu corpo, de sua pele e... nem tanto assim de sua mente, pois tinha ficado senil ainda muito jovem, beirando os seus setenta e poucos anos.

Embora não se soubesse o motivo de ter ficado senil tão cedo!

Nem bem tinha se aposentado do cargo de Diretora Geral de uma multinacional alemã.

Falava diversos idiomas e frequentemente conversava em alemão dialético, língua em que se comunicava no asilo, o que obviamente ninguém entendia, acreditando que era por conta da senilidade.

Quando moça, D. Genoveva havia feito faculdade de marketing e direito. Embora muito bela, preferiu não se casar. Namorava muito, mas evitava compromissos.

Casa, filhos e marido não estavam em seus planos. Queria viver bem a vida. E viveu!

Comeu bem e apreciou os melhores e mais caros vinhos. Conheceu o mundo inteiro!

É verdade que agora não se lembrava de mais nada, mas ficou o sentimento na alma e, se há vida após a morte, certamente ela se lembrará de tudo isso. Se é que existe vida após a morte!

Suas madeixas eram sempre bem cuidadas, pelos melhores cabeleireiros famosos. Suas roupas, só de grife e de luxo. Normalmente importadas e compradas nas lojas que visitava pelo mundo.

Mesmo depois de ser instalada no asilo, a família não deixou de cuidá-la neste aspecto. Semanalmente, havia um bom cabeleireiro que ia lá manter seu corte bem alinhado e hidratado.

Suas unhas também eram feitas.

Nada de desleixo.

Não era negligenciada pela família. Recebia visitas semanalmente e não lhe deixavam faltar nada.

Estava sempre bem vestida.

Apenas ela não reconhecia os seus.

E, quando digo seus, eram os sobrinhos, que, graças a ela, haviam estudado em boas escolas e agora retribuía com a sua instalação em um bom lugar, com cuidados e, mais ainda, sem desleixos.

Eles reconheciam isto e, embora houvessem institucionalizado para profissionais os cuidados à tia Genoveva, sabiam que tinha sido o melhor para ela e também para a família, que não poderia ficar doente junto com a paciente, por conta da sua senilidade.

Certa ocasião, os sobrinhos pensaram em manter a D. Genoveva em sua própria casa, aos cuidados de enfermeiros 24 horas, mas desistiram da ideia, pois ela ficaria presa no próprio corpo e dentro do apartamento, enquanto poderia se divertir no asilo com outras na mesma situação.

E foi o que de fato aconteceu!

Ali ela sorria o tempo todo. Era bem alimentada e sempre via gente diferente. Não só os seus sobrinhos, mas os parentes alheios.

Além do mais, no asilo havia sempre eventos e, com isto, outras pessoas compareciam para festivais que ali aconteciam.

Os velhos podem até ser “chatos de galocha”, mas, no asilo, entre eles, se divertiam, e muito!

Alguns, conscientes da proximidade da própria morte, aproveitavam o dia. Outros, que não queriam estar no asilo, passavam o dia resmungando e pedindo para ir embora para casa. Sentiam-se um traste naquele lugar.

Achavam que ficar sozinhos em casa, com uma suposta liberdade de ir e vir, era mais atrativo do que seguir regras no asilo, com horário para tomar banho, remédio, se alimentar, ver televisão.

O fato é que, no asilo, os idosos são mais bem tratados, pois estão em companhia de outros de sua idade e os profissionais estão sempre atentos. A família, na maioria das vezes, fica mais tranquila. Pelo menos esta era a opinião das famílias daqueles que ali estavam bem instalados.

Os dias eram calmos, sem tropeços. Dificilmente transcorriam com intercorrências médicas, por incrível que pudesse parecer, já que ali se acumulavam velhinhas, de todas as idades, com todas as doenças. Mas se distraíam entre si e cuidavam umas das outras.

E a morte de D. Genoveva, embora pela idade, o que poderia ser uma regra naquele asilo, foi uma exceção, pois parecia que ali elas duravam mais! Pelo menos era isto que diziam as famílias pagantes dos boletos mensais do asilo.

Quase uma eternidade!

Norberto até perguntou para o Sr. Cristian, o dono do asilo, se D. Genoveva apresentava alguma doença aparente, o que ele negou.

– Mas sabe como é, meu amigo, estas velhinhas já estão mais para o outro lado, do que para esta encarnação. Já estão fazendo hora extra!

– É, eu sei – disse Norberto. – A cada dia que acordam, deve ser uma alegria! – completou.

– Mais do que isto, Norberto. Ficamos atentos o tempo todo, pois elas podem sentar em suas cadeiras de balanço e aí, sabe como é, partir! E, quando isto acontece, é melhor para a família, pois já tivemos casos – você deve se lembrar disso – de, quando a idosa resolve morrer em pé, cair e ainda bater a cabeça, e, quando você vai constatar, teve uma parada

cardíaca ou então um AVC. E não podemos proibir as vovós de caminharem. Aliás, o nosso pátio é cheio de flores e bancos confortáveis justamente para isto, para que andem e conversem com a família e com outras internas. A socialização faz parte da vida. Como já te disse, nada como ter amigas, e isto incentivamos bem entre elas. É muito saudável ter amigas!

A morte da D. Genoveva é uma tristeza para o asilo, pensou Laura, a chefe da enfermagem, ao ver toda aquela movimentação no hall de entrada.

Capítulo 03 - A FUNERÁRIA

De fato, era a mais chique da cidade. Não era simplesmente um velório, e sim um acontecimento.

Era assim a fama daquela funerária.

Mas Norberto era chamado somente em casos específicos, para ajudar no traslado do corpo. Afinal, era perito médico legista e sua função não era trabalhar com mortes diagnosticadas e assinadas por outros médicos.

Acontece que o dono da funerária era muito amigo de Cristian, o dono do asilo, e havia ali uma situação que deveria ser providenciada antes do início da preparação do corpo para o velório.

É que o dono do asilo queria, na verdade, descobrir a cura para a senilidade e, com isto, curar suas internas e tornar-se uma clínica de referência para reversão destas doenças misteriosas que apodrecem o cérebro de qualquer pessoa, mesmo daquelas que trabalham por anos.

O intuito era, de fato, científico e comercial. Embora ele adorasse o seu asilo e o convívio com aquelas simpáticas vovós!

Capítulo 04 - O TRASLADO

A ideia era fazê-lo em plena madrugada, já que todas as pacientes estavam dormindo.

Sabe-se que as pessoas de idade têm hábitos diversos de sono... muitas dormem durante o dia e à noite ficam acordadas ou então madrugam.

Mas naquele asilo era diferente. Autorizado por médicos renomados, todas as pacientes tomavam, como um dos ingredientes da sopa noturna, um tranquilizante para dormir a noite inteira.

Nada que fizesse mal, até porque era um dos experimentos do dono do asilo, que acreditava que o sono poderia recuperar a memória daquelas velhas senhoras.

Elas tinham atividade o dia inteiro, justamente para evitar dormir durante o dia e só ter sono à noite.

Aliás, só para situar o leitor, o asilo era somente de senhoras, porque o Sr. Cristian, dono do asilo, entendia que a complexidade do corpo feminino era mais desafiadora.

A mulher é capaz de gerar outro ser humano, cuidar de várias coisas ao mesmo tempo, sangrar todo o mês por conta da menstruação e, mesmo assim, conseguir trabalhar e ajudar no sustento do lar. Isto encantava o Sr. Cristian!

Mas retomando a retirada do corpo...

Naquela noite fazia um frio glacial, com neve, nevoeiro e neblina... fazia muitas décadas que não se via algo parecido.

Mas eles precisavam ser rápidos, antes que qualquer das senhorinhas acordasse e se assustasse ao ver a retirada do corpo.

Quando qualquer das internas morre, a enfermeira explica para as demais que ela foi retirada pela família para uma viagem de férias ou foi internada às pressas no hospital.

Como todas são esquecidas, em menos de uma semana já nem se lembram daquela que se foi.

Uma realidade triste, mas é assim que muitas memórias falham!

Envolta no lençol branco que cobria a cama, D. Genoveva foi levada por aqueles homens de sobretudo preto, botas até o tornozelos e gorros, que deixavam de fora apenas o nariz vermelho pelo frio.

CAPÍTULO 05 - O VELÓRIO

Antes de velar, necessário preparar o corpo. E Antonio, contratado pelo asilo, através da indicação do perito Norberto, para fazê-lo, se preparou espiritualmente para a realização do trabalho.

Chovia torrencialmente. Relâmpagos constantemente brilhavam no céu, deixando muito macabro o trabalho que Antonio fazia.

Não que ele não estivesse acostumado com isso. Mas sentiu uma tontura tão grande que precisou sentar por cinco minutos e pedir ajuda espiritual. Fazia muito tempo que não sentia algo assim.

Ouvia choro de crianças. Muito choro! Foi quando um raio estrondoso fez um barulho que, além de iluminar toda a sala, fez aumentar aqueles choros. Uma árvore caiu no pátio da funerária e ficou toda queimada, como se metade dela tivesse passado pelo crematório.

Antonio não gostou do que viu!

Mal começou a mexer no corpo, após a extração do cérebro de D. Genoveva feita pelo perito Norberto, e percebeu algo estranho saindo da boca da morta.

No primeiro momento, pensou ser em decorrência da retirada do cérebro para estudos. Aliás, autorizada pela família da D. Genoveva, que àquela altura do campeonato sequer se preocupava se o corpo seria enterrado por inteiro. De qualquer forma, ainda ganharia um dinheirinho pelo cérebro e, mais ainda, não custearia o trabalho realizado pela funerária, somente com o sepultamento.

Antonio ainda percebeu que do ouvido da morta estava saindo um líquido azul e que o dorso de sua mão esquerda estava inchado, como se alguém estivesse insistindo muito em achar uma veia.

Antonio gritou por Norberto, que quase derramou seu café aromatizado na mesa de café da manhã posta para os familiares e convidados da morta em seu velório.

– O que foi, Antonio? Nunca vi você gritar!

– Desculpe, amigo, achei que ainda estivesse na sala. Estava concentrado no corpo de D. Genoveva, quando fui retirar as suas luvas e vi o dorso de suas mãos e, em seguida, saiu do seu ouvido o líquido azul.

– Observe ainda a sua boca – disse Antonio. – Nunca vi uma denteição ficando negra tão rápido!

– Santo Deus! – disse Norberto em voz alta, já pensando em alguma desgraça criminal.

Olhou assustado para Antonio e silenciou...

Capítulo 06 - O SILÊNCIO

Não tem nada mais assustador do que o silêncio, principalmente quando é necessário que alguém diga alguma coisa.

Antonio, ao perceber o olhar sombrio de seu amigo Norberto, gelou e imaginou que algo estranho estava no ar.

Em algumas situações, o silêncio é uma prece ou evita que se fale o que está no coração.

Às vezes é melhor se calar em muita situação, para evitar brigas estúpidas.

Mas não era o que estava acontecendo naquele momento!

CAPÍTULO 07 - ENQUANTO ISSO, NO ASILO

Já era de manhã e o relógio tocava às 7 horas na sala em que era servido o café da manhã.

As mesas eram sempre enfeitadas, cada dia com um tema diferente. Parecia uma festa infantil.

A ideia do Sr. Cristian era logo cedo, na primeira hora do dia, estimular o bom humor das senhorinhas.

Cristian se dirigiu a uma das senhoras mais antigas do asilo:

– Bom dia, D. Prado, como está se sentindo nesta manhã gelada?

– Ah... bem, aqui dentro está quentinho, e eu, mesmo nascida em pleno inverno europeu, minha descendência indígena nunca se acostumou com tanta roupa. Andávamos pelados, sabia?

Cristian achou graça. Nunca acreditou no que ela dizia, afinal já havia passado dos 100 anos fazia tempo e, embora se locomovesse sozinha, a sua confusão mental era intensa.

Mas D. Prado, que adorava falar, resolveu dar continuidade ao assunto:

– Senta aí, meu filho, vou lhe contar uma história.

Cristian, sempre de olho nos seus experimentos, obedeceu.

– Você sabe quem sou, correto?

– Sim, D. Prado.

– Então, minha família teve uma séria educação católica, lá da época dos jesuítas.

Cristian teve vontade de rir, mas se segurou. Em seguida, mais outras três senhorinhas se sentaram à mesa para ouvir a D. Prado.

Então Cristian ligou o gravador que escondia em seu bolso, pois isto não podia faltar na sua pesquisa sobre a capacidade senil de inventar histórias que estas senhorinhas tinham.

Então D. Prado continuou:

– Minha língua nativa não é a brasileira. Só falo o tupi.

Antonieta – uma paciente que foi atriz em um passado bem distante, mas que estava ali por seu comportamento agressivo, totalmente paranoico, e que se negava a tomar os medicamentos, acabou sendo depositada por sua família antes que ela os matasse de nervoso – iniciou uma gargalhada que levou as demais que se encontravam à mesa a também rirem, o que deixou D. Prado furiosa.

Após o Sr. Cristian acalmar os ânimos de todas, D. Prado continuou, sem, no entanto, deixar de alertar Antonieta:

– Querida Antonieta, se não acredita em minha história, por favor, sente-se em outra mesa e vá ficar com outras senhoras.

Isto fez Antonieta calar-se, mas continuar ali, pois precisava ter um relacionamento mais próximo com D. Prado, a pedido de sua própria família.

Isto porque D. Prado, por ter ancestralidade indígena, era conhecedora de ervas que poderiam até mesmo curar pessoas. E, mais do que isto, Antonieta, ainda que paranoica, era muito perspicaz e poderia ajudar o Sr. Cristian a descobrir algumas manipulações que D. Prado sabia muito bem fazer e que não contava para ninguém.

Exceto para Raquel, sua neta que a visitava com frequência e sempre lhe trazia alguns mimos, entre eles, perfume de alfazema e chás aromatizantes, que eram servidos toda a noite para as demais senhoras, juntamente com o calmante ministrado pelos renomados médicos que prestavam serviços para o asilo.

Então D. Prado continuou:

– Fui sequestrada pelos piratas do sertão, que viviam do que roubavam. Era uma gente farroupilha, de pé descalço. Vivíamos no deserto, vasta extensão de terra, todas nativas.

Tomou mais um gole de café e continuou:

– Fui levada para Santos, caminhei a pé mais de 4 mil quilômetros e então trabalhei em uma lavoura de café até conseguir fugir e, mesmo com pés descalços, após alguns anos caminhando, consegui chegar até aqui.

Levantou para se servir de mais café e pão, e depois continuou:

– Quando morei em São Paulo, todas as trilhas que saíam de lá para outros Estados ajudei a percorrer junto com o capitão Diabo Velho e minha família de mamelucos.

Mais um gole de café e uma mordida caprichosa no pão e, de boca cheia de farelo, finalizou:

– Ensinei Diabo Velho a botar fogo na água, o que fez com que perdesse um olho.

Gargalhou e levantou-se da mesa e foi em direção ao banheiro. Já não conseguia mais segurar o xixi por muito tempo.

Cristian percebeu que nenhuma das senhorinhas perguntou por D. Genoveva.

A chefe da enfermaria Laura não estranhou, até porque nenhuma delas possuía boa memória, seja porque tinham demência em decorrência da senilidade ou estavam com mal de Alzheimer. Era uma tristeza!

Muitas sem nenhuma doença física, a maioria com mobilidade normal e poucas tomavam remédio. Aquele asilo tinha fama de cuidar apenas de idosas com problemas mentais, das quais, autorizado pelas famílias, adquiria seus cérebros para estudo após a morte.

O café da manhã foi animado nas demais mesas. Embora todas as senhorinhas sem memórias, elas sorriam e brincavam umas com as outras o tempo todo. A relação entre elas era de pura afetividade.

Não sabiam de suas histórias e mal lembravam seus nomes. Mas qualquer coisa valia. Elas mesmas inventavam seu passado.

O asilo as ensinava a se abraçarem e sorrirem umas para as outras.

Depois do café da manhã, as senhoras foram para a sala de jogos, onde passavam a manhã inteira jogando cartas ou dominó.

Cristian só não entendia como elas conseguiam se lembrar das regras dos jogos, mas não se lembravam de seus nomes e até mesmo da família, que, muitas vezes, ia vê-las aos finais de semana. Tudo muito estranho!

O dono do asilo acompanhava tudo de perto!

Capítulo 08 - D. ANTONIETA

Sempre gostei de apresentar meus personagens. Mas, desta vez, vou deixar o leitor livre. Farei apresentação só de algumas, se bem que outras serão citadas apenas pelo nome e sua personalidade, o que poderá fazer o leitor acreditar que tenha sido minha fonte de inspiração. Fica por sua conta e risco o entendimento!

Devo apresentar Antonieta, a paciente atriz.

De fato, a mais jovem do local, com menos de 60 anos. Tinha um caso raro de demência senil e ainda era paranoica.

Viciada em álcool, foi para o asilo não para se curar do vício, mas porque o vício ajudou a desencadear a demência senil.

Sem álcool, D. Antonieta ficava insuportável.

Como não precisava de ajuda para ir ao banheiro ou tomar seu banho, conseguia com D. Prado o perfume de alfazema, com a desculpa de que completava sua beleza.

Ela era, de fato, muito vaidosa!

Como não podia beber o perfume, pois ficaria com mau hálito, com a desculpa de que tinha incontinência urinária, usava calcinha descartável, uma espécie de fralda. Era ali que se encharcava com o perfume ou até álcool em gel, que pegava nos corredores, para poder aliviar a vontade de beber.

Cada um com sua desculpa para encher a cara, mas D. Antonieta, que chegou a ser atriz de pornochanchada, foi uma grande vergonha para seu único filho, que descobriu a profissão da mãe quando assistia, com os amigos, a alguns destes filmes em uma festinha privê.

Envergonhado, saiu com o carro de último tipo dado pela mãe, em alta velocidade, bateu no caminhão de gás e explodiu. Morreu carbonizado o coitadinho, tendo o Padre José, o mesmo que o batizou e acompanhou o garoto por toda a sua vida, que encomendar sua alma enquanto os bombeiros tentavam tirar seu corpo do local do acidente. Tarefa esta quase impossível, por conta do risco de novas explosões.

Foi velado de caixão fechado, com partes do corpo faltando.

Sentindo-se culpada, D. Antonieta passou a beber, e a senilidade, que estava a eclodir em sua mente aos poucos, veio de uma só vez, acabando com sua memória e sua carreira artística.

Ficou a cargo do Padre José a administração de sua pequena fortuna, pois sua família a culpava pela morte do filho. Uma boa desculpa para quase nem visitá-la no asilo.

Capítulo 09 - O PADRE JOSÉ

Por causa de Antonieta, passou a frequentar o asilo.

Decerto, ficou decepcionado com sua fiel, pois somente com a morte de seu filho é que descobriu quem ela era.

A verdade é que Antonieta, além de frequentar as missas de domingo, ainda ajudava na igreja, não só doando bens e valores, mas principalmente nos ofícios diários.

Sempre foi amável e gostava de conversar com todos. Por conta de sua simpatia – paranoica, é verdade –, sempre que um fiel tinha problemas, principalmente de saúde ou morte de algum membro da família, ela acompanhava o padre nestas visitas. Aliás, era a parte de que ela mais gostava!

Um dia, após o Padre José celebrar uma missa, foi chamado às pressas pela família do Sr. Adamastor, pois, segundo diziam as más línguas, ele estava possuído por demônio.

Cauteloso sobre o que de fato iria ver, Padre José foi até a residência do Sr. Adamastor e logo na entrada encontrou Antonieta, que o avisou de que o local cheirava a cachaça e que descobrira que o nome da pinga que o suposto possuído tomara era demônio.

Decidiu rezar o terço e recomendar banho e café para o possuído, e que certamente ele se curaria. Como de fato se curou!

A partir deste dia, Padre José mantinha Antonieta sempre por perto, pois ela filtrava, muitas vezes, os pedidos de exorcismo, que eram frequentes na região onde ordenava suas missões.

Quando Antonieta foi internada por sua família, Padre José passou a visitar e rezar missa no asilo.

Capítulo 10 - DE VOLTA À FUNERÁRIA

Após o longo silêncio daquela madrugada em que Antonio viu o corpo de D. Genoveva, o perito Norberto decidiu ligar para Thiago, seu grande amigo e delegado de polícia na ativa, e que comandava, com mãos de ferro, o DHPP.

Há coisas que não se dizem ao telefone, principalmente para um delegado.

Norberto apenas pediu autorização para vê-lo, e então combinaram de almoçar em um bistrô.

Ao sair da funerária, dirigiu-se a Antonio.

– Amigo Antonio, mantenha a calma. Vou falar com o delegado Thiago, sei que ele terá uma saída. Enquanto isso, vou pedir para meus auxiliares, aqui mesmo, fazerem uma necropsia independente. Seja lá o que for, é torcer para que não tenha ocorrido nenhum crime.

Quando Edu chegou, imediatamente procurou por Antonio.

– Prazer, meu nome é Edu. Sou o novo assistente do perito Norberto. Prazer em conhecê-lo.

– O prazer é meu. Norberto falou mesmo que você viria.

– Isto, só venho em casos especiais. Trabalho, na verdade, como assistente técnico de famílias para busca de soluções em crimes que, muitas vezes, a polícia não tem equipamento suficiente para resolver.

– Mas, por curiosidade, quem vai te pagar?

– Não vou cobrar do perito Norberto. Devo muito a ele pelo que sei hoje.

– Desculpe, não entendi – disse Antonio.

– Meu amigo, Norberto é um homem muito correto. Ele vai querer saber se o amigo dele, dono do asilo, está metido em alguma encrenca. Entendeu o que quero dizer?

– Não. Lamento.

– Bem. Este projeto de estudos em que o perito Norberto, em parceria com o dono do asilo, estão trabalhando é genial e estou com ele nisso. Porém, não queremos, em hipótese alguma, que estes cérebros venham às nossas mãos, ainda que doados voluntariamente pelas famílias das mortas, como produto clandestino de crime. Entendeu agora?

– Acho que sim. Vocês querem saber se o amigo do Norberto, o tal Cristian, teve participação na morte da paciente. É isto?

– Elementar, meu caro Antonio, exatamente isso!

– É assustador – falou Antonio.

Edu esboçou um sorriso desconfortável, mas era bem isso mesmo. Sem mortes provocadas.

Em resumo, nada de homicídios!

Capítulo 11 - O DELEGADO THIAGO

Ele era vocacionado.

Super bem treinado na polícia. Havia feito inclusive curso de tiro e de investigação forense no exterior. Era um dos melhores.

Mesmo com um salário não adequado ao cargo e risco da profissão, tinha verdadeira paixão pelo que fazia. Chegava muitas vezes a perder o direito de férias, simplesmente porque se esquecia de tirá-las.

E, quando as tirava, era para estudar no exterior. Já treinou inclusive com a polícia de Israel, o Mossad, ganhando prêmios por seu desempenho.

Ainda era mestre de krav maga e dava aulas, sem cobrar nada para seus agentes, pois não admitia que ninguém fugisse da luta.

Ao ver o perito Norberto, que foi seu professor no curso preparatório de polícia, sorriu e o abraçou carinhosamente.

– Diga, Professor Norberto, o que manda?

– Desculpe te tirar do trabalho, mas estou com um caso intrigante.

– Professor, eu tinha que almoçar mesmo!

– Sei, Thiago, te conheço! Se bobear, você pede marmitta para não sair da delegacia ou ainda come na viatura, para não perder tempo. Aliás, quando come!

– Que nada, Professor, me alimento bem sim, até porque preciso ter forças para prender bandido, afinal é isto que a sociedade espera de mim. Sabe como sou. Mas o que manda? Em que posso ajudá-lo?

– Bom. Um grande amigo, dono de um asilo, me chamou esta madrugada para retirar o corpo de uma senhora. Até aí, tudo bem. Chamei o Antonio para me ajudar, até porque o médico da família já havia assinado o óbito. Porém, após a extração do cérebro, que também foi autorizado pela família em razão daquele projeto de estudos que te contei, nos deparamos com esta situação. Olhe as fotos:

– Hum... ouvido azul... dentição escura, dorso com tentativas frustradas de busca de veia! Perguntou para o dono do asilo?

– Claro que não! Embora ele esteja colaborando com o projeto de estudos, sendo a minha principal fonte de pesquisa, até pelo interesse que ele tem e já te contei, lembra?

– Sim, claro que lembro... tudo meio louco, mas, se a lei permite, quem sou eu para questionar?!

– Exato, meu objetivo é descobrir esta tal perda de memória! Mas, voltando, não contei para ele esta descoberta, queria falar com você antes, até porque o médico da família assinou o óbito! E, se assinou, é porque estava confiante ou tranquilo.

– Qual foi a causa da morte? – perguntou Thiago.

– Parada cardíaca.

– E quantos anos tinha a senhorinha?

– Quase 80 anos e completamente sem noção. Não sabia seu nome e, mais engraçado, esqueceu a letra pátria e só falava em alemão. Mas nada com nada.

– Tem câmeras no asilo?

– Sim, menos nos banheiros, até para manter a privacidade das senhorinhas.

– Bom, ou faço oficial e consigo mandado judicial para pegar as filmagens, ou você conversa com seu amigo, dono do asilo, e as pede. Se ele tiver culpa no cartório, já sabe, ele apaga as filmagens e passávamos a investigar por conta da delegacia. O que acha?

O silêncio se fez presente mais uma vez e Norberto, com o olhar para baixo, acenou com a cabeça, concordando com o amigo e delegado Thiago.

Separaram-se.

Capítulo 12 - NO ASILO

Seguindo as orientações do delegado Thiago, o perito Norberto retornou ao asilo e procurou Cristian.

Enquanto o aguardava no belo hall de entrada, entrou uma senhorinha, toda eufórica, de nome Albertina, de cabelos acinzentados, de pouco mais de um metro e meio e bem acima do peso, perguntando pela enfermeira Laura, pois a paciente do quarto 10, já em cuidados paliativos, desejava beber uma xícara de chocolate quente com bolo de trufas e amêndoa

laminada, e certamente ela iria lhe fazer companhia, para não deixar sua colega de quarto comer cozinha.

Sim, colega de quarto. Pois Albertina também tinha câncer de pulmão e também estava sob cuidados paliativos, pois havia desejado ir para aquele asilo e não fazer tratamento de quimioterapia, conforme sua Escritura Pública de Diretivas Antecipadas de Vontade. Eram exceções que o Cristian permitia fazer para mães de seus amigos. Uma ala de cuidados paliativos, pois ele queria muito entender o processo da morte e o sentimento do então morrer.

E, ao se deparar com o perito Norberto, Albertina sorriu e pediu um cigarro, o que foi recusado, já que ele não fumava havia mais de 10 anos, embora sua barba demonstrasse um amarelado de quem, de vez em quando, descumpria sua própria promessa.

Cristian desceu e, ao ver o amigo, logo perguntou:

– Boa tarde, Norberto, o corpo de D. Genoveva já está pronto para o velório? A família já marcou o sepultamento para amanhã às 14 horas.

– Antonio está terminando. Sabe como ele é. Tem todo um ritual para preparar o morto.

– É, você já me contou. Só não entendo... mesmo que a morta esteja senil?

– Sim, porque o corpo pode até estar, mas não a alma. Tão logo ela é desprendida do corpo, muitas vezes, até para aceitar sua morte, fica ali, esperando sua preparação para o velório e, então consciente, passa a entender o que lhe espera. Antonio já conversa com ela.

– Em alemão?

– Não, com o coração.

– Amigo Norberto, nem sei em que acreditar.

Norberto, ainda receoso, mas confiante na estratégia do delegado Thiago, decidiu mostrar a foto do cadáver de D. Genoveva, onde se mostrava o ouvido com secreção azul, a dentição negra e o dorso com as tentativas de penetração de agulha.

Pálido, Cristian perguntou do que Norberto precisava.

– Cristian – disse Norberto, com voz firme –, preciso de todas as filmagens daquele dia.

– Me acompanhe, Norberto, entregarei tudo que tenho.

Foram para uma sala no 7º andar, onde era a residência de Cristian, e então, examinando toda a filmagem da noite anterior, Norberto só levou aquilo que interessava.

O fato é que nada faltava e nada parecia estranho.

Sentiu-se aliviado.

Capítulo 13 - AS VELHINHAS

A maioria com cabelos bem branquinhos, que pareciam flocos de algodão.

É claro que a atriz, Antonieta, era uma exceção. Pintava seu cabelo de roxo com um shampoo de ervas que Raquel, a neta de D. Prado, trazia.

Como não era nada de mais, o Sr. Cristian, a Laura enfermeira e as demais cuidadoras sequer se preocupavam com isto. Até porque, como na maioria dos asilos, a família poderia trazer, além de roupas e remédios, alguns mimos para as vovós.

É claro que aquele asilo, em especial na mensalidade, já oferecia os itens de higiene pessoal e lavanderia, até porque o Sr. Cristian acreditava que estes itens deveriam ser neutros, sem cheiro, não só para não dar alergia às suas internas, mas principalmente para que, se algo diferente aparecesse, ele soubesse.

Isto não só por segurança, mas principalmente pelos seus experimentos.

Entretanto, nunca impediu – até porque não poderia fazê-lo – os parentes e visitantes do asilo de trazerem seus mimos.

Também nunca vistoriou estes mimos, até porque ali não era cadeia para isto acontecer. Ele nem mesmo se preocupava com isto... até aquele momento.

Foi então que, da janela, lembrando-se deste detalhe, chamou de volta o perito Norberto, para dizer que isso era muito comum, ou seja, a família trazia coisas para as internas e ele não sabia dizer o que poderia ter ocorrido.

Os dois ficaram se entreolhando e Cristian então ressaltou:

– Amigo Norberto, acho que vale a pena seu amigo delegado Thiago, com sua equipe experiente, fazer uma varredura, de forma discreta, neste asilo.

Não acredito que algumas de minhas internas tenham matado D. Geneveva, mas não sei o que circula aqui dentro. Não posso proibir a família de trazer mimos para seus parentes.

– Tem certeza, Cristian, que quer levar a apuração deste crime a fundo? – testou o perito Norberto, para saber qual seria a reação de seu amigo e sócio.

– Sim – disse Cristian. – Se tem alguém aqui dentro que seja uma assassina, isto precisa ser apurado, sem sombra de dúvidas.

Capítulo 14 - DEPOIS DO VELÓRIO

Cristian achou melhor não levar nenhuma das senhorinhas no velório e nem mesmo no sepultamento de D. Geneveva.

É fato que nenhuma delas havia perguntado pela morta. Nem mesmo quando a paciente Domitília Leopoldina entregou para a cuidadora Estela, após encontrar e examinar por mais de duas horas, a boneca que D. Geneveva tinha o hábito de segurar as 24 horas do dia

A boneca estava jogada debaixo do sofá onde ficava a sala de TV.

Porém, foi a cuidadora Amélia que estranhou quando D. Prado e D. Castro Canto se entreolharam e deram uma risada maliciosa quando Domitília, após examinar e cheirar a boneca diversas vezes, a entregou com um ar confiante de que nenhuma pista ali deixara.

Embora trabalhasse muito tempo com aquelas senhorinhas, sentiu que algo estava errado, principalmente quando viu o perito Norberto sair da sala do 7º andar, acompanhado do Sr. Cristian.

Sabia muito bem o que havia naquela sala.

Achou por bem então abordar o Sr. Cristian e comentar, mesmo na frente do perito Norberto, o que viu de estranho.

Mas Cristian não deu atenção, até porque nenhuma das velhinhas tinha inteligência o suficiente para entender o que estava acontecendo no mundo.

De qualquer sorte, já havia autorizado o perito Norberto, com a equipe do delegado Thiago, a fazer uma varredura no local.

Capítulo 15 - D. DOMITÍLIA E D. CASTRO CANTO

O leitor já percebeu quem é D. Prado. Por seu conhecimento filosófico e de cura, ela era a líder das velhinhas.

D. Prado era uma mulher muito inteligente. Falava com a alma. Entendia o que todos diziam. Sabia muito bem que ali era o melhor lugar para se ficar.

Sempre bem acompanhada, bem tratada. Recebia seis refeições por dia. Não precisava cozinhar e nem limpar. Sempre tinha atividades para fazer durante o dia.

Por ser desapegada de bens, liberou sua família para viver e foi ela viver no asilo. Não se arrependia.

Para sua neta Raquel, deixou sua casa e sua horta. Era tudo muito simples, o que fez com que seus filhos e demais netos não brigassem por uma partilha.

D. Prado estava sempre rodeada pelas amigas que fez no asilo. Nunca foi uma pessoa que gostava de ficar só. Não queria seus filhos e netos a visitando por mero protocolo ou fazendo rodízio de quem iria perder seu final de semana para que ela não passasse o dela sozinha.

Não queria cuidadoras ou enfermeiras, pois achava muito chato ver sempre a cara da mesma pessoa, enquanto que, no asilo, sempre haveria novas companhias, pois sempre haveria mortes e, com isto, vagas.

Além dos mais, haveria visitas para as outras velhinhas e, com isto, movimentação sempre diferente no asilo.

Mas não é de D. Prado que iremos escrever, e sim de D. Domitília e D. Castro Canto.

Elas eram vizinhas de apartamento e, quando uma precisou ser depositada pela família no asilo, a outra foi para lhe fazer companhia, por livre escolha.

Aliás, ambas não eram só vizinhas. Num passado bem distante, haviam sido amantes do mesmo homem. Elas não sabiam uma da outra. Apenas quando descobriam que o sujeito tinha duas amantes no mesmo prédio é que se conheceram.

Elas eram duas jovens senhoras à frente de seu tempo. Mulheres influentes em seu bairro.

Na verdade, ambas não queriam se casar e um namorado era perfeito para isto. Só que Domitília não sabia que ele era casado e que ainda teria mais uma amante além dela.

Era muita cara de pau do sujeito. O tal Pedro.

Pedro era um homem muito culto e viajado. Falava diversos idiomas. Era cônsul e, portanto, estar ali ou lá não era de se estranhar.

Homem discreto e que se dizia caseiro. Evitava sair a público.

Domitília era filha de um coronel e sabia manejar muito bem uma arma. Quando descobriu que Pedro era casado e tinha outra amante além dela, deu-lhe um tiro nas partes baixas. Ela só não foi presa por conta do cargo que seu pai ocupava.

Foi assim que conheceu a outra amante de seu namorado, D. Castro Canto, que lhe quis saber o motivo do tiro.

Ao invés de ficarem com raiva uma da outra, se uniram e ficaram amigas inseparáveis desde então.

D. Castro Canto havia se aposentado como dama de honra. Nome dado àquelas jovens que, em época longínqua, acompanhavam mulheres mais velhas e casadas, que não podiam sair sozinhas de casa. Foi assim que conheceu Pedro, pois ela era a companhia de sua mulher, Leopoldina.

Conviveram por muitos anos, até que Leopoldina descobriu e demitiu D. Castro Canto. Logo depois, Pedro tomou o tiro.

Por muito tempo, D. Castro Canto foi declarada suspeita. Sofreu perseguição. Chegou até mesmo a ser presa, até que se descobriu que havia sido sua vizinha, Domitília, que havia feito tal barbaridade.

O tal Pedro, por sorte, não morreu. Mas nunca mais pôde fazer sexo, já que não mais tinha suas partes íntimas.

Capítulo 16 - AS CORRESPONDÊNCIAS

As cuidadoras Estela, Amélia e as outras que faziam plantão no asilo estimulavam os parentes a escrever cartas para as pacientes.

Poderia parecer bobagem, mas as cuidadoras tiravam um dia, no meio da semana, em que normalmente os parentes não conseguiam vê-las por conta dos compromissos profissionais, para ler as cartas dos familiares.

Esta tarde era de muita alegria e risadas, pois as cuidadoras já haviam pedido para os familiares somente escreverem coisas engraçadas, pois as cartas eram lidas em voz alta e acabavam animando todas as presentes.

A grande maioria sequer entendia o que era lido, mas, quando uma ria... a gargalhada era geral!

E rir era uma forma de liberar um hormônio interno que contaminava todo o lugar, com uma boa energia positiva.

Quando uma interna não recebia carta da família, o próprio Sr. Cristian a inventava, pois ela não lembraria mesmo, mas naquele momento se sentia acolhida e lembrada. Isto importava para sua alma. Era uma mentirinha que o dono do asilo se permitia fazer.

Depois as cartas eram colocadas em um cesto, intitulado ninho do amor e que ficava na sala de TV, onde todas as pacientes ficavam no finzinho da tarde, assistindo às novelas do SBT e aos programas do Silvio Santos, já que todas ali o amavam de paixão. Achavam que ele era um pão e um bom partido, já que muitas tinham quase que a mesma idade dele.

Estas cartas ainda terão uma relevância muito importante, pois o delegado Thiago descobriu que as próprias pacientes escreviam cartas umas para outras e que eram lidas pelas cuidadoras, sem se darem conta do remetente, já que sabiam que, muitas vezes, era o próprio Sr. Cristian que as escrevia.

Mal sabiam que ali podia conter algumas informações importantes.

Capítulo 17 - O CRIME

Embora D. Genoveva já estivesse mais para lá do que para cá, ou já fazendo hora extra, como dizem por aí, o fato é que Norberto constatou, juntamente com seu assistente Edu, que ali havia acontecido um crime.

Sim. D. Genoveva tinha sido envenenada por um princípio ativo utilizado para um medicamento restrito, supercontrolado e ainda em teste, para ser usado em pacientes internados na UTI, em cuidados paliativos, evitando o sofrimento por longo período de tempo.

Mas quem poderia ter feito uso deste princípio ativo? Somente as enfermeiras do setor de cuidados paliativos é que faziam uso, e tudo era muito bem controlado.

A partir daquele momento, todos eram suspeitos. Das cuidadoras e enfermeiras aos visitantes diários.

Aliás, a segunda providência que o delegado Thiago tomou, depois de analisar as filmagens do asilo, foi pedir a lista de visitantes diários, onde deveria haver – observe-se que usei a palavra “deveria”, porque não continha, como constatou o delegado – o nome completo, RG, CPF e indicação de parentesco do visitante e o nome da idosa objeto da visita.

Instaurou o inquérito, começou a ouvir as funcionárias do asilo, os fornecedores e os parentes das idosas, o que deixou o Sr. Cristian preocupado, porque isto certamente acabaria com a reputação da casa.

Até o Padre José foi ouvido, já que as senhorinhas, além de comungarem, também se confessavam, embora não se entendesse nada do que diziam.

Imediatamente o Sr. Cristian decidiu contratar uma empresa de relações públicas para lidar com os familiares das idosas – para não perder a clientela –, a fim de que o episódio não vazasse entre os pretensos consumidores e ele perdesse a chance de ter mais clientes, inclusive junto ao público em geral, pois já havia um estigma de se deixar as idosas em asilos e, com um assassinato ali ocorrendo, isto poderia gerar mais rumores e mudar um conceito cultural que se demorou muito a criar, que é justamente o de terceirizar os cuidados daqueles que já passaram de uma certa idade.

Capítulo 18 - QUEM MATOU A MORTA?

O perito Norberto sempre dizia que o corpo fala com o perito, e ele já havia dito isto, por diversas vezes, ao seu assistente Edu, como para seu amigo Antonio, e não sossegou enquanto não conseguiu a autorização da família para exumar o corpo.

Havia alguma coisa que não se encaixava, pois, no exame de DNA feito a pedido do delegado Thiago, por conta de uma amostra que o Edu guardou a pedido do perito Norberto, apontava-se que o suposto assassino que lhe havia administrado o veneno, junto com o chá de cebola para curar-lhe a gripe, havia sido declarado morto, por decisão judicial, por morte presumida em um campo de concentração em um país distante e em tempos longínquos.

Como este veneno chegou ao asilo?

Depois de muito pesquisarem, concluíram que não foi o princípio ativo do medicamento dado aos pacientes do setor de cuidados paliativos, e sim uma simples planta, de nome dedaleira, que matou D. Genenova, e só havia uma pessoa que trazia as folhas para os chás aromatizantes... Raquel, a neta de D. Prado.

Raquel, a pedido da avó, D. Prado, em todas as suas visitas trazia um pouco de folhas de dedaleira, que cultivava no jardim da residência de sua avó e que ela então conservava.

As folhas, que eram trituradas no processador pela Raquel, eram entregues a pedido da sua avó, um pouco por semana, sob o pretexto de que usaria para espantar maus espíritos do local, já que sabia que, naquele asilo, muitas mortes ali ocorriam, como era de se esperar.

Por que não acreditar na avó? Afinal, ela era índia – é o que ela sempre dizia – e benzedeira, disso todos tinham certeza.

Capítulo 19 - MELHOR NÃO CONCLUIR O CASO

Depois de tantas páginas de inquérito e muitas oitivas de testemunhas, lembrou-se o delegado Thiago do cesto de cartas que ficava na sala de TV.

Na verdade, nunca se preocupou com estas correspondências, pois eram lidas pelas cuidadoras apenas um dia na semana, e elas haviam afirmado que não tinha nada demais.

Não tinha, se lidas por alguém que não tinha experiência em homicídios.

Algumas destas correspondências, escritas em letra de forma, sem remetente, colocadas no cesto com digitais apenas das cuidadoras, falavam sobre amor e mortes coletivas.

Ao destrinchar cada uma delas, constatou o delegado que foram as próprias pacientes, e a pedido da própria morta, que assassinaram D. Genoveva, ao ter ela, em um momento de lucidez, confessado às amigas de asilo que ela não era quem sua família dizia, e mais, que ela era uma das inúmeras responsáveis, embora tenha sido obrigada, por encaminhar crianças judias para o forno do campo de concentração, e isto a consumia por dentro e seu peso na consciência era implacável, daí porque estava sempre segurando uma boneca, como forma de não deixar a última criança judia ser morta!

O delegado Thiago e o perito Norberto, em companhia de Antonio, o homem que limpava cadáveres, decidiram, junto com a morta, enterrar esta história e se preocupar com o próximo caso: o cruel assassinato do Manipulador de Ervas!

FIM